



Francisco Guilherme Alves Correia\*

## RESUMO

Na teoria do conhecimento de Agostinho de Hipona, encontramos três conceitos centrais vinculados: verdade, sabedoria e felicidade. Dessa maneira, a felicidade, para Agostinho, é a finalidade do filosofar e o seu alcance se dá na posse da sabedoria, que consiste na descoberta da verdade. A partir disso, desenvolve-se toda a argumentação agostiniana em torno do conhecimento. Nesse artigo, buscamos compreender esses conceitos nas obras de juventude de Agostinho, após o período de conversão até o presbiterado em Hipona, analisando o desenvolvimento da sua teoria sobre a verdade. Para isso, utilizaremos o método de análise estrutural, com o objetivo de compreender os desenvolvimentos dessas questões dentro da lógica do pensamento do hiponense, analisando, em seus diálogos filosóficos, as gradações e as ordens hierárquicas que ele estabelece, para então entendermos o corpo que sustenta sua compreensão da verdade. Nosso trabalho terá três momentos: primeiramente analisaremos o debate com os acadêmicos sobre a possibilidade do conhecimento da verdade; em segundo lugar, desenvolveremos a compreensão da verdade como fundamento para o juízo certo da razão, para depois, no terceiro momento, averiguarmos a relação da verdade com a sabedoria e a felicidade. Desse modo, concluiremos que na arquitetura agostiniana, o conceito de verdade se unirá ao de sabedoria. Desse modo, a felicidade será almejada quando o acesso a esses dois ideais for concretizado.

**Palavras-chave:** Verdade. Sabedoria. Felicidade.

## Truth, Wisdom and Happiness in Augustine of Hippo

## ABSTRACT

In Augustine of Hippo's theory of knowledge, we find three central concepts, linked: truth, wisdom and happiness. In this way, happiness, for Augustine, is the purpose for philosophizing and the achievement of this happiness occurs in the possession of wisdom, which consists in the discovery of truth. From this, the entire Augustinian argument around knowledge is developed. In this article, we will seek to understand these concepts in Augustine's youth works, after the period of conversion to the presbyterate in Hippo, seeking to understand the development of his theory about truth. For this, we will use the method of structural analysis, to seek to understand the developments of these questions within the logic of the thought of the Hippo, analyzing, in his philosophical dialogues, the gradations and hierarchical orders that he establishes, so that we understand the body that sustains his understanding of the truth. Thus, our work will have three moments: firstly, we will analyze the debate with academics about the possibility of knowing the truth: second, we will develop the understanding of truth as a foundation for the right judgment of reason, and then in the third moment, we will investigate the relationship between truth with wisdom and happiness, thus, we will conclude that in Augustinian architecture, the concept of truth will be joined to that the wisdom. In this way, happiness will be sought when access to these two ideals is achieved.

**Keywords:** Truth. Wisdom. Happiness.

\*Mestrando em Filosofia na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Membro do Grupo de Pesquisa em Filosofia Medieval (GPFIM/UVA) e do Grupo de Estudos em Agostinho (GESA/UECE). Bolsista CAPES. E-mail: guilhermealves\_2012\_@hotmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2998885481238247..>

## Introdução

A questão da verdade é crucial no pensamento de Agostinho de Hipona, visto que, em toda a sua vida, ele a buscou com todo o seu fervor, o que o levou a conhecer as diversas doutrinas filosóficas de sua época. Primeiramente foi adepto do maniqueísmo, depois aderiu à posição do ceticismo acadêmico, posteriormente se converteu ao catolicismo e, conhecendo os neoplatônicos, especialmente a filosofia de Plotino e Porfírio, começou a compreender, a partir de outra perspectiva, a verdade, que passou a ser o tema sempre recorrente em suas obras.

Mesmo que o hiponense não tenha feito um trabalho sistemático em relação a esse tema, debruçou-se continuamente sobre ele, compreendendo que o conhecimento da verdade é a posse da sabedoria, a qual consiste na beatitude.

Nesse sentido, o africano desenvolve sua filosofia numa busca constante de conhecer e amar a verdade, pois compreende que é a partir do encontro com ela que nos tornamos sábios e que a sabedoria é a condição sem a qual ninguém pode ser feliz. A felicidade, por sua vez, é a motivação para as nossas vidas e também para filosofarmos, pois, “para Agostinho, o filósofo procura a verdade não simplesmente para ser sábio, mas para ser feliz.” (COSTA, 2009, p. 25). Em uma de suas obras de maturidade, *De Ciuita Dei*, Agostinho expõe:

Não há razão para o homem filosofar senão para que seja feliz; e o que faz com que este seja feliz é o fim bom; não há, por conseguinte, nenhuma causa para filosofar, salvo a meta do bem; por essa razão, aquela que não segue o fim bom não pode ser dita coisa filosófica. (*De Ciuita Dei*, XIX, i,3).

Em face disso, na filosofia agostiniana, as reflexões sobre a verdade, a sabedoria e a felicidade se desenvolvem ligando-as umas às outras. Sendo assim, o desejo por uma delas conduziria, concomitantemente, ao anseio pelas outras.

Dentro de tantas obras em que ele desenvolve reflexões sobre a verdade, nos deteremos em alguns diálogos filosóficos do período de sua conversão ao presbiterado, entre 386 a 395, dentre eles, o *Contra Academicos*, *De beata uita*, *Soliloquia*, e *De libero arbitrio*. Nelas iremos investigar o desenvolvimento do pensamento de Agostinho relacionado à verdade, desde seu debate com a filosofia da Academia até a compreensão da verdade como fundamento para a razão e para o filosofar. Assim, o desenvolvimento desse artigo terá três momentos: no primeiro,

analisaremos o debate de Agostinho com o ceticismo acadêmico em torno da possibilidade de conhecermos a verdade, tese que desemboca na possibilidade de sermos sábios e felizes. Em um segundo momento, analisaremos a verdade como fundamento para o juízo racional, e, finalmente, compreenderemos a relação da sabedoria e da felicidade com a verdade.

Para tanto, utilizaremos o método de análise estrutural, aplicando-o ao problema da verdade em Agostinho. Buscaremos entender e desenvolver a questão dentro da lógica do pensamento do hiponense, explorando os seus diálogos e o seus desenvolvimentos, as gradações e a ordem hierárquica que ele estabelece, para então depreendermos o fundamento que sustenta sua compreensão da verdade.

## **I A possibilidade de conhecer a verdade**

Na primeira obra de Agostinho pós-convertido, denominada *Contra os Acadêmicos*, ele já trata a questão da verdade, na qual, juntamente com seus discípulos Licêncio e Trigésio e seu amigo Alípio, desenvolve um grande debate que desencadeia diversas argumentações.

A questão central no debate com os acadêmicos está em torno da possibilidade de conhecermos ou não a verdade. A partir disso, desenvolve-se outra questão: se o homem chega ao estado de beatitude apenas buscando a verdade ou se a vida feliz está em conhecê-la. O debate aqui não se situa na negação da verdade, coisa que também foi defendida na antiga Academia, de modo que aqui parece existir um consenso que a verdade existe; contudo, a questão que se dá é se é possível chegarmos ao conhecimento da verdade, ou se a vida feliz consistiria somente em buscá-la constantemente, contudo, sem encontrá-la.

Desde a sua primeira obra, Agostinho compreende que o que está em jogo no problema da verdade é a beatitude e, assim, a verdade é o fim último, elemento que devemos alcançar para deleitarmos da felicidade. Mas, será possível alcançá-la? Refletindo sobre essa questão, o filósofo expõe no diálogo uma síntese do pensamento dos acadêmicos, para que os seus discípulos pudessem debater tendo conhecimento de causa. Desse modo, afirma que:

Os Acadêmicos afirmavam que o homem não pode alcançar a ciência das coisas referentes à filosofia – Carnéades recusava ocupar-se de qualquer outra coisa – mas que pode ser sábio e que todo o dever do sábio, como tu mesmo, Licêncio, o expuseste naquela discussão, consiste na busca da verdade. Daqui resulta que o sábio não deve dar seu assentimento a nada, pois necessariamente erraria, o que para o sábio é um crime, se desse seu assentimento a coisas incertas (*Contra Academicos* II, IV, 11).

As posições dos acadêmicos em relação à verdade e à sabedoria eram duas: a primeira era a da impossibilidade de se conhecer a verdade enquanto tal, e, por conseguinte, o sábio não deve dar seu assentimento a nada. Nessa perspectiva, as ideias filosóficas não passam de meras opiniões. Os céticos argumentavam, dentre outras coisas, que, nas diversas opiniões filosóficas dificilmente se encontram convergências, ou seja, para eles, os filósofos não encontram a verdade, à medida que para cada pensador parece existir uma ideia de verdade que contraria a outra. Entretanto, a filosofia na Antiguidade estava muito ligada também à forma de vida das pessoas, e nisso aparece a necessidade de o acadêmico se posicionar em meio às diversas questões sociais, éticas e políticas. Eles, então, adotaram a ideia da verossimilhança, ou seja, assumiram uma opinião a partir da probabilidade de que ela esteja próxima da verdade. Assim, na medida em que é necessário se posicionar em diversas questões, afirmavam coisas que seriam semelhantes com a verdade ou aparentemente verdadeiras, adotando a opinião como mais provável. Partindo desse pressuposto, posicionavam-se quando necessário, mantendo a tese da inacessibilidade do ser humano de alcançar a verdade.

Agostinho tentará refutar essa posição dos acadêmicos inicialmente partindo da posição de verossimilhança que os céticos defendiam, pois, como podem dizer que algo é semelhante ao verdadeiro, sem que seja possível conhecer a verdade? Portanto, os céticos precisam aceitar a possibilidade do conhecimento da verdade para que possam afirmar que algo tenha alguma semelhança com o verdadeiro.

Outro ponto no qual Agostinho buscará refutar a posição acadêmica está na relação com a sabedoria. Para o acadêmico, o sábio é aquele que busca incansavelmente a verdade, contudo não a alcança, logo não conhece verdadeiramente algo e, assim não deve dar assentimento às opiniões; contudo, ainda assim, considera-se sábio. Agostinho questiona se pode o sábio ser sábio sem conhecer a sabedoria. Portanto, ou o sábio conhece a sabedoria pela qual ele é sábio, ou não pode se considerar sábio, de forma que aquilo que o acadêmico pensa

do sábio não pode ser sábio, pois lhe falta o conhecimento da sabedoria. Partindo dessas questões, busca responder a dupla negação dos céticos acadêmicos, que consiste na impossibilidade do conhecimento, e que não se deve dar assentimento a nada.

Sobre a questão do conhecimento, Agostinho expõe algumas premissas que conhecemos de forma mais evidente, desde os elementos físicos, como que vivemos neste mundo, ou até mesmo à verdade de que estamos vivos, bem como outros conhecimentos que também são manifestos, como o conhecimento lógico, as disjunções lógicas que mantêm a verdade pela sua forma, sem que necessariamente seu conteúdo precise ser verdadeiro. Um exemplo exposto pelo africano é: ou o mundo é para sempre, ou terá um fim. Essa afirmação é verdadeira, e não há falsidade, pois se o mundo for para sempre, a afirmação é verdadeira, e se o mundo acabar, a afirmação se mantém verdadeira. (*Acad.* III, x, 22-23).

Destarte, o conhecimento é algo que podemos alcançar, bem como algumas verdades, tanto de ordem física, como o conhecimento do mundo e das coisas sensíveis que se apresentam a nós pelos sentidos, quanto verdades de ordem inteligível, como do conhecimento matemático ou das virtudes<sup>1</sup>.

Logo, o assentimento à verdade é possível, pois o verdadeiro sábio conhece a sabedoria. Essa consiste na verdade, e por ela adquire-se a felicidade. Já os filósofos que estão na busca da sabedoria ainda não são sábios, pois não alcançaram a verdade e, conseqüentemente, não chegaram à beatitude da sabedoria. Assim, a posição de assentimento ao verossímil não pode ser considerada por um sábio, pois o sábio é aquele que já conhece a verdade, logo, os acadêmicos não podem ser considerados sábios.

A partir disso, Agostinho desenvolve sua concepção de verdade. Primeiramente investiga a possibilidade de conhecê-la e, ao refutar os acadêmicos, buscará a verdade a fim de adquirir a vida feliz. Nessa perspectiva, Agostinho tem como tema central de sua busca filosófica deleitar-se com a verdade e, para tanto, investigará algumas de suas características.

---

<sup>1</sup> Contudo, ainda não é nessa obra do *Contra Academicos* que Agostinho refutará de forma concisa o ceticismo acadêmico, será nas obras seguintes em que desenvolverá o cógito agostiniano, a partir da compreensão do conhecimento interior. (Cf. MATTHEWS, 2008, p. 40).

## II A verdade como fundamento para a razão

Ainda em Cassiciaco, no diálogo *Soliloquia*, Agostinho conjectura sobre a verdade em um diálogo com a sua própria razão. Nessa obra, o filósofo nos dá como uma das características da verdade a eternidade, pois mesmo que o mundo sensível pereça, a verdade continuará a existir, uma vez que ela não perece.

Razão: Portanto, existirá a verdade ainda que o mundo acabe.

Agostinho: Não posso negá-lo.

R. E se perecer a verdade, não será verdadeiro que a verdade terá perecido?

A. Quem o nega?

R. Mas o verdadeiro não pode existir se não existir a verdade.

A. Há pouco concordei com isso.

R. Portanto, a verdade não perecerá, de modo algum. (*Soliloquia* II, ii, 2).

Também no mesmo diálogo, o hiponense expõe os conceitos de falsidade e de verdade definindo a falsidade como algo que sentimos ser uma coisa, tendendo a ser algo que não é. Assim, o verossímil, que é algo que parece ser a verdade, mas não o é, agora reaparece como sendo a própria falsidade. Ou seja, o princípio do modo de viver acadêmico de se aproximar da verdade, para Agostinho, leva-nos a estar presos à falsidade. O verdadeiro consiste naquilo que é. Desta forma, o verdadeiro está relacionado às coisas divinas na medida em que elas são por excelência. Portanto, conhecer a verdade é conhecer as coisas como elas realmente são.

A partir disso, vemos mais uma vez a unidade desses temas na filosofia de Agostinho, pois o conhecimento da verdade está fortemente relacionado com a felicidade e, assim sendo, buscar conhecer é antes de qualquer coisa a busca por um objeto, que é a vida feliz. Sobre isso, Gilson afirma que em Agostinho existem duas concepções diferentes em que o homem pode buscar o conhecimento, que são:

O saber pelo saber, isto é, uma busca sem fim e que, de certo modo, nutre-se a si mesmo, pois se sabemos apenas por saber, jamais chega o momento em que sabemos o bastante, ou saber para ser feliz, nesse caso há um fim para a busca, portanto, limites e um método que se ordena para alcançá-los. (GILSON, 2006, p. 224).

Portanto, quando optamos por fazer a busca pelo conhecimento por si mesmo, não chegamos a um fim, e nas poucas coisas em que alcançamos, não

ficamos satisfeitos, de maneira que sempre buscamos conhecer mais, contudo, sem chegarmos ao que realmente almejamos, que é a vida feliz.

Entretanto, se optarmos pela segunda definição de conhecimento, que é a mesma de Agostinho, o pensamento passa a ter uma meta fixa, ou seja, tem um ponto de partida, um caminho a percorrer e um ponto de chegada, que é a sabedoria. Assim, para chegar à vida feliz e dela poder gozar, e para chegar ao seu fim, o pensamento articula caminhos a partir dos quais possa perpassar a fim de alcançar o seu maior desejo, a felicidade.

Destarte, a verdade é a meta que Agostinho deseja conhecer para chegar à vida feliz. Deste modo, a verdade não é somente um conceito epistemológico pois, para Agostinho, ela existe ontologicamente e, por muitas vezes, ele a identifica com Deus. Logo, as características da verdade se assemelham ao próprio Deus, de tal modo que igualmente a verdade é compreendida como imutável, necessária e eterna. A partir dessa verdade enquanto tal, que é o próprio Deus, fundamentam-se todas as demais verdades. Por exemplo, as características da verdade matemática de cinco mais cinco ser igual a dez serão as mesmas da verdade enquanto tal, pois essa verdade não mudará, não poderá deixar de ser e, assim, existirá eternamente.

Outro ponto importante a ressaltar é que a verdade existe por si mesma, e pela razão a conhecemos. No entanto, com a razão nós temos a possibilidade de a descobrirmos, e não de a criarmos. Nesse sentido, não podemos fazer juízos sobre a verdade, afirmando que algo deveria ser diferente do que é. Por exemplo, podemos dizer de uma parede que é verde que ela deveria ser azul, mas não dizemos que três mais três deveriam ser seis, mas afirmamos que são seis. A verdade nos dá a alegria de um encontro, de uma descoberta, e não de uma criação da nossa autoria.

Em face disso, é impossível não notar que toda a filosofia de nosso filósofo percorre um itinerário da mente para Deus, e ao dedicar-se totalmente à sabedoria e somente a ela amar, busca ser levado ao encontro com ela. Assim expõe, através de uma metáfora, as etapas para chegar ao conhecimento do Sumo Bem.

A sabedoria é como uma luz inefável da mente, como a luz do sol. Há pessoas que conseguem olhar para esta luz e não sentir nenhuma perturbação, mas há outras que são feridas pelo brilho, e por não conseguirem ver, acabam retornando às trevas dos prazeres. Portanto, estes que não conseguem ver a luz inefável



devem buscar amar mais a sabedoria, e, para isso, precisam ser exercitados, passando por algumas etapas.

Primeiramente devem ver coisas que não brilham por si mesmas, mas que possam ser vistas mediante à luz, ou seja, a partir da iluminação do sol, e na medida em que são iluminadas se percebe o quanto são belas. Posteriormente, deve-se olhar aquilo que não tem luz própria, como a lua e os planetas; logo depois, aos poucos podem ser mostrados o fogo terreno, a seguir, os astros, o brilho do amanhecer, o fulgor da aurora.

Desta maneira, cada um, de acordo com sua própria realidade, acostumando-se com esses brilhos, mais cedo ou mais tarde estará preparado para olhar diretamente a luz do sol. Ou seja, para se chegar à sabedoria, é necessário caminhar indo de pouco em pouco, subindo degraus, a partir de uma ordem, para que possa alcançar o conhecimento da verdade e encontrar a vida feliz. (*sol.* I, xiii, 22-23).

Destarte, o africano, para demonstrar o processo do conhecimento da verdade, traz-nos a metáfora da luz do sol. Assim, na medida em que vemos as coisas sensíveis a partir da luz solar, veremos as coisas inteligíveis a partir da luz da verdade. Como não conseguimos com os nossos olhos corporais olhar diretamente para o sol, não conseguiremos com os olhos da mente, que é a razão, olhar diretamente para a luz inefável. Assim, precisamos nos exercitar pouco a pouco, com verdades menores, para adquirirmos força para chegarmos às verdades maiores ou mais profundas.

Nesse sentido se dá a busca por Deus. Essa busca é algo próprio da vida existencial de Agostinho e neste caminho da sua busca pessoal pela verdade está inserida a sua teoria do conhecimento. Em face disso, Agostinho desenvolve uma reflexão sobre o processo de conhecimento, fundamentando hierarquias e gradações, segundo a sua concepção de verdade.

Na sua importante obra *De libero arbitrio*, especificamente o livro segundo, em que juntamente com Evódio, o hiponense trata da prova da existência de Deus, esta última está relacionada com o próprio conhecimento da verdade, como afirma Gilson:



Pelo que procede, de início é evidente que não se pode distinguir em Santo Agostinho o problema da existência de Deus do problema do conhecimento; é uma única e mesma questão saber como concebemos a Verdade e conhecer a existência da Verdade. (GILSON, 2006, p. 46).

Em sua investigação, o filósofo percorre um processo de ascensão do conhecimento, indo do mais básico, das coisas materiais e sensíveis, ao do ser das coisas enquanto existência das próprias coisas, para, por fim, chegar aos conhecimentos mais sublimes, que são a razão e a Verdade/Deus.

Inicia sua argumentação numa verdade irrefutável, que nenhum dos céticos pode negar, o *cogito* agostiniano: se duvidas, pensas; se pensas, vives; se vives, existes. Nisto afirma Gilson: “Estamos aqui em face de um acontecimento de capital importância na história da filosofia. É pela primeira vez que deparamos uma prova da existência de Deus baseada na mais evidente das verdades, a saber: na existência da consciência conhecente.” (BOEHNER, GILSON, 2012, p.154).

A partir desta verdade, faz o processo ascensional, ordenando em graus de conhecimento de acordo com hierarquias. Primeiramente, tem-se a hierarquia do ser: em primeiro lugar estão os seres que somente existem, como os minerais; acima, os que não somente existem, mas também vivem, como os animais; e, superior a esses, estão os que não somente existem e vivem, mas intelecționam, que são os seres humanos. Ou seja, na natureza o que há de mais importante é o ser humano, pois possui as três qualidades de pensar, viver e existir; em seguida os animais que vivem e existem; e depois os demais seres, que somente existem.

A segunda hierarquia demonstrada por Agostinho é a do conhecimento. Para ela, nosso filósofo parte do pressuposto de que aquilo que no processo de conhecimento exerce juízo sobre outra coisa conhecente, sem ser também julgado por ele, é maior do que a coisa que foi julgada. (BOEHNER, GILSON. 2012. p. 155). Neste processo ascensional, o primeiro nível e o mais inferior é a coisa material enquanto tal. O segundo são os sentidos corporais, que apreendem as coisas e, em face disso, são superiores às coisas captadas por eles. Entretanto, há os cinco sentidos corporais: visão, audição, tato, olfato e paladar, que são os meios pelos quais conhecemos os objetos sensíveis, mas que só exercem a sua função específica e não fazem juízo se algo é bom ou ruim, o que demonstra ser impossível só com o sentido corporal, o juízo das coisas. É necessário um sentido interior, que

também é encontrado nos animais, que faz o juízo dos sentidos sobre as coisas sensíveis, e assim já chegamos ao terceiro nível do processo de conhecimento. Todavia, no ser humano se encontra algo a mais, ao que compete julgar tudo ao seu redor, como também o sentido interior. É através da razão ou da mente que julgamos todas as coisas. (*De libero arbitrio*, II, v, 12-14).

Assim, o processo conhecente no homem se dá na seguinte forma: as coisas são julgadas pelos sentidos corporais ou exteriores, que por sua vez são julgadas pelo sentido interior, que é julgado pela razão ou mente, aquilo que há de mais excelente no homem e, conseqüentemente, o que há de mais importante na hierarquia dos seres. (*De uera religione* V, xxix, 53).

Nesse processo do conhecimento beatificador, Agostinho parte da introspecção em busca de conhecer a própria alma, e assim também se baseavam as demais filosofias. Contudo, a originalidade de nosso filósofo se dá na abertura ao transcendente, pois seu trajeto vai da introspecção, buscando o mais íntimo, para, partindo daí, buscar o transcendente, que é onde está a verdade enquanto tal. (BERALDI, 2010, p. 48-49).

Em face disso, a prova da existência de Deus se dá na investigação de algo que seja maior que a razão, pois como a razão é a coisa mais excelente que existe nesse mundo, algo maior que ela, ou será Deus, ou estará próximo Dele.

Esta coisa precisa ser maior que a razão, e para isso, precisa ser imutável, já que a razão muda de ignorante a sábia; precisa ser eterna, já que a razão muda de acordo com o tempo de criança a anciã; e necessária, já que a razão é contingente. Assim, seguindo a máxima do juízo, Agostinho percebe que é a partir da verdade que a razão julga todos os seres, e a verdade tem todos esses atributos: ela é eterna, imutável e necessária. Logo, o conhecimento da existência de Deus está no conhecimento da verdade, que é o próprio Deus, que sustenta todas as demais verdades. (*lib. arb.* II, xii, 34).

### III Sabedoria e felicidade

Ainda nessa relação entre verdade e sabedoria, Agostinho desenvolverá sua reflexão sobre a problemática da felicidade, tema central de toda a antropologia e filosofia de Agostinho. Ou seja, essa temática perpassa todas as suas obras,

passando pelos diálogos filosóficos, livros, cartas e sermões. Desta forma, o africano fundamenta toda a sua filosofia nesse ponto central, e tendo isso como pressuposto, tenta responder às mais variadas questões e situações (RAMOS, 1984, p. 48). Para tanto, ele conhecia as diversas posições filosóficas sobre esse problema. Pelas obras de Varrão, o africano conheceu mais de duzentas e oitenta diferentes possíveis respostas, oferecidas por diversos filósofos, sobre questão da beatitude (SANGALLI, 1998, p. 149). E elas tiveram bastante influência em seus escritos, principalmente as concepções de felicidade estoicas e neoplatônicas. Entretanto, o hiponense, ao mesmo tempo em que concorda com a relevância da questão da felicidade, pois todos querem ser felizes, discorda tanto dos meios para alcançar tão grande bem, como do que os filósofos entendiam por felicidade.

Comentando sobre isso afirma Marcos Costa:

Entretanto, se Agostinho adota o eudaimonismo da tradição greco-romana, como bem a ser almejado por todo homem vindo a este mundo, discorda desta quanto ao lugar onde encontrá-lo e do método para alcançá-lo, fazendo da razão ou filosofia não mais um fim em si mesma, mas um meio, ou um porto, transformando a felicidade em Verdadeira Felicidade, a ser alcançada unicamente em Deus, e a fé revelada em verdadeira filosofia, estabelecendo uma distinção entre sabedoria, alcançada pela filosofia, e Verdade – Deus, revelada no cristianismo, e nisso reside à originalidade de nosso filósofo cristão em relação à tradição filosófica greco-romana (COSTA, 2013, p. 20).

Em face disso, Agostinho, no diálogo *De beata uita*, afirma que a vida feliz consiste na posse de algo que não pode ser perdido pelas vicissitudes da vida, algo mediante o qual não haja a possibilidade da perda, para que não fiquemos receosos da infelicidade que seria perdermos a coisa que nos faz felizes. Logo, a felicidade não pode estar nos bens materiais, nos poderes ou nos prazeres, e sim deve estar na posse de Deus, que é a sabedoria. (*De beata uita*, II, 10-11).

Dessa forma, nosso filósofo encontra na posse da sabedoria a única forma de adquirir felicidade, e assim demonstra a alta estima que tem pelos sábios, na medida em que só esses são homens verdadeiramente felizes. (SOUZA, 2006, p. 52).

E a partir disso, confirma a posição que defendeu contra os acadêmicos, pois sem a posse da sabedoria, eles não podem ser sábios e nem felizes. Somente na busca da verdade, uma vez que é somente na posse da sabedoria, alcançando e fruindo da verdade, é que podemos nos deleitar com sua beatitude.

Ainda sobre o sábio, Agostinho afirmará algumas características daquele que vive com sabedoria. Primeiramente, o sábio tem uma alma perfeitamente ordenada, pois nada lhe falta, ela consegue utilizar todas as coisas que estão em seu alcance, sem apegar-se a nada, pois a alma do sábio é forte, é corajosa, nada teme, nem mesmo à própria morte. Entretanto, o sábio deve evitar o sofrimento, como também a morte se lhe for possível, já que no caso que não fizesse, agiria de forma insensata, deixando de guiar-se pela sabedoria, e assim não seria feliz, ou seja, não seria verdadeiramente um sábio. (*beata u. IV, 25*).

Portanto, o sábio só deseja aquilo que lhe é possível realizar, de tal modo que nunca é frustrado por desejar algo que não pode chegar a ter. Do mesmo modo, guiando-se pela sabedoria, busca aplicar a sua vontade naquilo que seja realizável, sem perder, assim, a sua felicidade.

Aqui nos aparece um aparente conformismo do sábio agostiniano, que busca querer somente o que pode conseguir. Talvez aqui faça sentido a crítica que Nietzsche faz aos cristãos, afirmando que o ser humano foi transformado pelo Cristianismo em um animal doméstico. No entanto, o Cristianismo, visto aos olhos de Agostinho, não está preso em um conformismo; pelo contrário, o ser humano precisa ter um apurado senso de dever, uma busca constante para tornar-se melhor, tornando-se, então, sábio e feliz, e nada disso acontece sem o constante esforço e empenho humano. (SOUZA, 2006, 54)

Refletindo sobre a sabedoria e a felicidade, Agostinho também se detém sobre o inverso da felicidade, que é a infelicidade. Ela consiste na indigência, ou seja, enquanto a felicidade é a posse da sabedoria, a infelicidade é a ausência da mesma. E, como para nosso filósofo, a alma é onde o ser humano pode encontrar aquilo que tem de melhor, também na própria alma está aquilo que tem de pior na humanidade, que é a indigência da alma. O hiponense a denominará de estultícia, que para ele é o motivo da maior infelicidade.

Logo, a estupidez é a verdadeira e maior carência do ser humano, e ao estar nesse modo, vive-se como um insensato, buscando a felicidade onde não se pode encontrar, vivendo na maior indigência da alma, ficando completamente distante da sabedoria e, conseqüentemente, longe da felicidade. (*beata u. III, 22*).

Em face disso, para que o homem não caia na infelicidade, ou seja, na estultícia, e seja repleto de vícios e defeitos, deve buscar a plenitude, que é o

contrário da indigência, pois pela plenitude chegará à moderação, a mãe de todas as virtudes. Dessa maneira, Agostinho descreve a plenitude como medida e proporção, que são sinônimos de moderação. Logo, relaciona plenitude à medida.

Uma vez que a palavra plenitude está relacionada com a palavra medida, ambas se opõem à abundância, como também negam a indigência, e, de certa forma, tanto a abundância quanto a indigência se relacionam, na medida em que são coisas em demasia, pois as duas trazem ou excesso ou carência à alma, tornando-a doente. No entanto, as virtudes da medida e da proporção são necessárias para a saúde da alma.

De tal modo, Agostinho define a sabedoria como a medida da alma; enquanto a estultícia é a indigência, de modo que a sabedoria é plenitude, pois a medida também implica a plenitude (*beata u. IV 30-32*). Consequentemente, a alma sem essa medida fica desvirtuada, joga-se de forma exacerbada nos prazeres, no orgulho, na soberba e na ambição, já que se torna intemperante. Dessa forma, se torna infeliz e insensata. Todavia, os que buscam chegar ao porto da felicidade, para ter a plenitude e a moderação, tonando-se sábios, fazem da sabedoria o objeto de sua contemplação.

Portanto, para chegar à vida feliz é necessário possuir a justa medida da alma, que é a sabedoria, sem a qual não é possível chegar a uma real paz, e gozar da felicidade. Contudo, não há sabedoria mais digna deste nome do que a sabedoria divina, e assim Agostinho, partindo das sagradas escrituras, afirma que o Filho de Deus é a Sabedoria enquanto tal, e a partir disso fundamenta que a felicidade que está em possuir a sabedoria deve-se ao fato de se possuir a Deus.

Cristo, que é a Sabedoria de Deus, também é a própria Verdade, como ele mesmo afirma. Logo, a Sabedoria e a Verdade consistem em uma só pessoa, Jesus Cristo. Assim, vemos novamente a intrínseca relação entre a verdade e a sabedoria, pois a verdade encerra em si mesma a medida, e dela resulta, e se volta inteiramente. E essa suma medida assim é, por si mesma, não por alguma imposição extrínseca. Sendo perfeita e suma é também a verdadeira medida. E, tal como a verdade é gerada pela medida, assim também a medida se manifesta pela verdade. (*beata u. IV, 33-34*).

Desta maneira, o hiponense sintetiza a relação entre felicidade, sabedoria e verdade, pois em sua filosofia necessariamente uma traz consigo a outra, de forma

que para chegar à felicidade, que é o seu maior objetivo com a filosofia, é imprescindível o conhecimento da verdade, para que seja verdadeiramente sábio e, logo, tenha a vida feliz, a ponto de possuir a Deus, e dele gozar.

## Conclusão

O jovem Agostinho, na ânsia pela verdade, buscou-a em diversas seitas filosóficas, especialmente após ter lido a obra *Hortensius* de Cícero, que tratava de uma exortação à filosofia, que infelizmente foi perdida. A partir dela percebeu que o conhecimento que era importante era o da sabedoria, a qual deve ser buscada através da filosofia, e desde aí a buscou com todo seu entusiasmo a verdade. (*beata u. I, 4*)

Após a conversão ao Catolicismo e ao ler os neoplatônicos, compreendeu que a verdade é um ser, que é a sabedoria divina, o Filho de Deus, e é a partir dele que se fundamenta toda e qualquer verdade. Assim, é na iluminação dessa verdade que se pode contemplá-la.

Desde então, passou a refutar todas as filosofias das quais tinha feito parte, dentre elas, os acadêmicos, que não acreditavam na possibilidade de conhecermos a verdade, concebendo que o que deveríamos fazer era somente buscá-la; e nisso estaria a sabedoria e felicidade do acadêmico. Agostinho busca refutar essas teses e compreende que a Verdade é acessível ao homem.

Também entende que alcançar a felicidade é um desejo natural de todo e qualquer homem, e que filosofar é uma busca para encontrar esse fim. Desta feita, o africano aponta um caminho diferente dos seus antecessores: não buscar a felicidade nas coisas externas ou perecíveis mas, num processo introspectivo, alcançar a verdade e adquirir a sabedoria que nos fará plenamente felizes.

A verdade, que é eterna, imutável e necessária, e pela qual a razão humana pode julgar corretamente as coisas tanto do conhecimento sensível, quanto também do conhecimento inteligível. E é justamente pelo fato de a razão alcançar a verdade que ela é a faculdade mais relevante no homem, e faz com que o homem seja o ser mais excelente da natureza.

Por conclusão, percebemos que, desde o primeiro momento, Agostinho compreende a verdade como a sabedoria que nos dará a felicidade. Esta tríade é fundamental na filosofia agostiniana, na qual uma não aparece sem a outra. Portanto, a filosofia, para Agostinho, não é dividida em departamentos: é um conjunto do esforço racional humano em busca de ser feliz, e, para isso, é necessário alcançar a verdade que, para ele, não é um construto humano, mas sim um ser ontologicamente existente que fundamenta toda a nossa possibilidade de conhecimento, de tal modo que a partir do conhecimento da verdade é que o ser humano pode se considerar sábio, pleno e feliz. Assim, na filosofia agostiniana, ontologia, teoria do conhecimento e ética estão unidas e ligadas umas nas outras. Logo, a filosofia agostiniana tem um sentido, que é a busca inquieta pela verdade, para alcançá-la e possuí-la. Possuir a verdade para Agostinho é entender a verdade, para amá-la, e assim chegar à beatitude, que nos é tão desejada.

## Referências

AGOSTINHO, Santo. **A Cidade de Deus: contra os pagãos**. Tradução de Oscar Paes Leme. 3ª ed. Petrópolis; São Paulo: Vozes/Federação Agostiniana Brasileira, 1991. 589 p.

AGOSTINHO, Santo. **A Verdadeira Religião**. Tradução, organização introdução e notas de Ir. Nair de Assis Oliveira, C.S.A. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 2002. (Coleção Patrística, n. 19).

AGOSTINHO, Santo. **Contra os acadêmicos**. Tradução de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2008. 415 p. (Coleção Patrística, n. 24).

AGOSTINHO, Santo. **O Livre-arbítrio**. Tradução, organização introdução e notas de Ir. Nair de Assis Oliveira, C.S.A. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 2008. (Coleção Patrística, n. 8)

AGOSTINHO, Santo. **Solilóquios. A Vida feliz**. Tradução, introdução e notas de Adaury Fiorotti, Nair de Assis Oliveira e Roque Frangiotti. São Paulo: Paulus, 1998. 157 p. (Coleção Patrística, n. 11)

BERALDI, Adriano Cesar Rodrigues. **Beatitude e sabedoria em Agostinho: estudos sobre as fontes pagãs no De Beata Vita a partir do termo philosophia**. 106f. Dissertação (Mestrado em Filosofia), Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.



BOEHNER, Philotheus e GILSON, Étienne. **História da Filosofia Cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa.** Tradução e notas de Raimundo Vier. 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. **10 lições sobre Santo Agostinho.** 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. **Introdução ao pensamento ético-político de Santo Agostinho.** Recife: Universidade Católica de Pernambuco; Edições Loyola, 2009.

GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de santo Agostinho.** Tradução de Cristiane Negreiros Ayoub. São Paulo: Discurso editorial; Paulus, 2006. 542 p.

MATTHEWS, Gareth B. **Santo Agostinho.** Tradução de Hugo Chelo. Lisboa: Ed. 70, 2008.

RAMOS, Francisco Manfredo Tomás. **A ideia de Estado na doutrina ético-política de S. Agostinho: um estudo do epistolário comparado com o De Civitate Dei.** São Paulo: Loyola. 1984.

SANGALLI, Idalgo José. **O fim último do homem: Eudaimonia aristotélica à Beatitude Agostiniana.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. (Coleção Filosofia n. 80).

SOUZA, Josemar Jeremias Bandeira de. **Vida feliz na filosofia de Santo Agostinho.** 107f. Dissertação (Mestrado em Filosofia), Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, 2006.

Recebido em: 15.10.2021.  
Aprovado em: 20.02.2022.

Received: 15.10.2021.  
Approved: 20.02.2022.